

O lugar do amor e da fidelidade no relacionamento conjugal¹

The place of love and fidelity in the marital relationship

Michele Melo Reghelin²

RESUMO

As condutas amorosas, baseadas no conceito do amor romântico associado à monogamia, passaram por modificações na forma como, o amor e a sexualidade, foram ordenados pela sociedade e pela cultura. Logo, a ideia de amor e sexo conjugados nem sempre foi sinônimo de união matrimonial. Assim, a partir de ilustrações históricas, este trabalho propõe uma reflexão psicanalítica acerca do entendimento de amor e de fidelidade nos relacionamentos conjugais.

Palavras-chave: amor, fidelidade, intimidade, psicanálise.

ABSTRACT

Based on the concept of romantic love associated with monogamy, love behaviors passed by changes in the way in which love and sexuality were ordered by society and culture. Therefore, the conjugation of love and sex wasn't synonymous of marriage. Thus, from historical illustrations, this work proposes a psychoanalytic reflection on the understanding of love and fidelity in marital relationships.

Keywords: love, fidelity, intimacy, psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O amor é parte essencial da vida humana. Responsável por alicerçar a felicidade, a constituição da família e o sexo (Rios, 2008), é a “saída para que as paixões não se tornem desenfreadas” (Lejarraga, 2002, p.31). Pertencendo a um espaço sem fronteiras demarcadas, trata-se de uma linguagem expressa pelo sentir, que, com uma forma especial de se relacionar com o mundo, permite viver a experiência da alteridade e da intimidade.

Por meio do objeto amoroso escolhido, o sujeito torna-se dependente de uma parte do mundo externo, e expõe-se ao sofrimento, caso o outro morra, o rejeite ou lhe seja infiel (Freud, 1930/1996, p. 90). Logo, o amor (ou a sua falta) é responsável por guiar as escolhas do indivíduo, pois, como pontuou Freud (1914/1996), é preciso amar para não adoecer.

Mesmo com o declínio do amor romântico, ainda hoje se mantém idealizada a imagem do verdadeiro amor. Prova disso é que há pouco nos deixamos contagiar com o casamento ocorrido na Família Real, com a promessa do amor eterno e da fidelidade. Tal qual o conto da cinderela, a doce ilusão de que tudo sempre

¹Artigo publicado na Rabisco Revista de Psicanálise, vol.9 Num.1, set 2019. <http://www.revistarabisco.com.br/>

²Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica; Especialista em Teorias Psicanalíticas e Psicoterapias da Infância e Adolescência; Teorias Psicanalíticas e Psicoterapias de Adultos; Psicoterapia do Adulto Maduro - Orientação Psicanalítica; Formação em Arteterapia. <mailto:michelereghelin@gmail.com> www.michelereghelin.com.br

termina bem, provoca a sensação de que ao outro pertence a perfeição que resiste a nós. Se o amor é cego, enxergar que o desamparo habita em nós é desolador. Ao mesmo tempo, é uma ponte com a realidade já que anseia por amor e amparo, outrora experimentados.

... amor é uma lembrança, uma reminiscência de completude de que o umbigo dá testemunho. Os sentimentos de desamparo e solidão, resultantes desse corte que demarca os limites do eu e inaugura o espaço do desejo (vale dizer, da angústia), nos fazem eternos rastreadores do aconchego perdido - no qual toda relação amorosa se espelha... (Aratany, 2007, p.17).

Do gesto ao encontro, todos acreditam saber o amor, este que sorri por si só.

ILUSTRAÇÕES HISTÓRICAS

De modo geral, o amor e suas vicissitudes sempre foram retratados pelos escritores e artistas em suas obras, e assim, poetas e filósofos sempre tentaram responder desvendar o enigma Amor. Data que o primeiro grande poema de amor foi escrito no séc. III a.C.: As feiticeiras, de Teócrito. É um monólogo de Simeta, amante abandonada de Délfis, no qual o amor e o ódio são expressos com veemência (Paz, 1994).

Adão e Eva e a nostalgia do paraíso: o fazer e o procriar; o pecado original. Poderiam ser citadas inúmeras histórias de amor, mas o tempo é insuficiente, já que o compasso dos ponteiros não é o mesmo do coração. Baseada, então, na obra de Rosa Montero (1999), inicialmente ilustro este trabalho com breves passagens acerca da história do amor e infidelidade dos relacionamentos amorosos.

No amor clássico a percepção do amor como causador de catástrofes era comum. Exemplo disso é A guerra de Troia (1300 a 1200a.C.) cujo início foi com Afrodite que arranhou com que Páris (o filho do rei troiano Príamo) e Helena (esposa do rei espartano Menelau) se apaixonassem, provocando uma guerra que durou dez anos; Cleópatra e Marco Antônio (42a.C.) também encenaram isso quando necessitaram um do outro para executar seus planos políticos. E ainda que na última batalha Cleópatra se rendesse, traindo de certo modo Marco Antônio, ele morreu em seus braços e posteriormente, ela se suicidou. Finais sempre trágicos, mas não sem antes ter vivido uma etapa feliz de realização.

Nos séculos XII e XIII surgiu o amor cortês, que extremava a contradição entre o desejo erótico e a realização espiritual: amava-se o impossível e o sofrimento, pois o amor frustrado era o amor considerado autêntico. Esse amor foi conferido pela rainha Leonor de Aquitânia, primeira esposa de Luís VII, com quem teve duas filhas que se casaram com condes, contribuindo para o advento do amor cortês. Este momento representou o avanço da civilidade porque ao invés de batalhas medievais sangrentas, vieram os jogos de guerra, com damas que davam prendas aos seus cavaleiros. Tais amores cortesões e impossíveis eram na sua maioria infieis, convertendo-se em motivo poético como na história do capelão Andreas que dedicou a Maria da França, (condessa de Champanhe, uma das filhas de Leonor), o seu trabalho teórico “Tratado sobre o amor” (*Tractatus de amore*), no qual critica o amor conjugal como carente da liberdade elogiando a paixão adúltera.

No mundo dos amantes não existe outra lei que não a do amor, esta que está além do bem e do mal como no caso de Tristão e Isolda. Retratada de diferentes maneiras, sabe-se que o casal bebe a poção do amor e comete adultério, condenando-se a um amor impossível.

Já na história de Lancelot e Guinevere (esposa do rei Arthur), aquele contratado para buscar o Santo Graal, desiste para segui-la, afinal, não mais precisa do cálice da vida eterna, já que o amor o torna imortal.

No Romantismo, o sonho do amor eterno confronta inevitavelmente com a finitude e não é à toa o fascínio despertado pelos vampiros, como o Drácula. Ao permitir a fusão e a transformação rumo à imortalidade, proporciona-se a fantasia de libertação da nossa própria individualidade, que sob esta égide nos condenaria a solitária morte.

Há quem não resista aos “estranhos amores”, como os de Oscar Kokoschka que ao ser rejeitado por sua amante Alma Mahler, mandou construir uma boneca do mesmo tamanho dela, esta que era vestida por uma camareira. Ou como Dom Pedro de Portugal e Inês de Castro, a amante com quem ele casou após a morte da legítima esposa Constança, indignando o pai que, ao saber disso, decretou a morte dela. Após o falecimento do rei, Dom Pedro ascendeu ao trono como Pedro I, e sua primeira atitude foi determinar a morte dos assassinos de Inês, além de desenterrá-la e vesti-la com roupas esplêndidas, colocando-a ao seu lado no trono. Em tais histórias é possível se reconhecer, pois os sentimentos amorosos apenas diferem nas necessidades e no modo como se lida com o sofrimento ou alegria por eles proporcionados.

As condutas amorosas, fundadas no conceito do amor romântico associado à monogamia, sofreram transformações no que diz respeito ao modo como a cultura e a sociedade se organizaram para regular o amor e a sexualidade. Deste modo, a ideia de amor e sexo conjugados nem sempre foi sinônimo de união conjugal.

MATRIMÔNIO E ASPECTOS CULTURAIS

Inicialmente o casamento foi cunhado com o objetivo de garantir direitos de herança, bem como proteger as mulheres, os interesses econômicos e o poder, além de estabelecer normas para o comportamento sexual, recorda Aratangy (2007). A pré-história comportou duas etapas da monogamia: a monogamia natural e a monogamia que assegurava o patrimônio familiar (Gamboa, 1998). Até no Antigo Testamento encontram-se preceitos que regulavam a conduta sexual, verificando-se que, dependendo da cultura, as práticas amorosas e as sexuais eram distintas. Por exemplo, na cultura egípcia, o incesto era permitido, e a circuncisão era uma ritual da adolescência. Na Grécia, a homossexualidade era comum entre púberes e adultos.

Posteriormente, na Idade Média, o casamento monogâmico passou a ser referendado, surgindo a noção do sexo como sendo demonizado (Gamboa, 1998). Em 1530, durante a Reforma Protestante, aconteceu o primeiro divórcio, entre Enrique VIII e Ana Bolena. No final do século XV, apareceram, na Europa, as doenças sexualmente transmissíveis, que eram consideradas um castigo celestial. Durante o século XVIII e XIX, a sexualidade foi cada vez mais reprimida, sendo que a masturbação era considerada inapropriada.

A sexualidade, então, só passa a ser abordada pela ciência em 1882. Richard Kraft Ebing escreveu *Psichopatiasexualis*, e Sigmund Freud introduziu a importância do desenvolvimento sexual para a compreensão psíquica do sujeito. Já no século XX, a temática da sexualidade surgiu em diferentes questões da vida humana.

Também, pela primeira vez, considera-se a possibilidade do controle da natalidade. Além disso, desenvolveram-se as bases do movimento feminista, quando foi publicada a obra *O Eunuco Feminino* (Germaine Greer, 1939). Surgiram os estudos sistemáticos sobre a sexualidade e em 1974, a disciplina que estuda a sexualidade – a Sexologia – foi considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como fazendo parte do conceito integral de saúde do ser humano (Gamboa, 1998).

Somente no século XX o ideal romântico do amor associou-se ao casamento (Aratangy, 2007) e a escolha do companheiro passou a ser feita pelos parceiros, recaindo sobre eles a responsabilidade sobre as suas escolhas. Na Modernidade, o amor “*cupiditas*” – como é chamado pelos teólogos e filósofos – expressa o ápice da realização pessoal, também podendo ser chamado de amor romântico.

As consequências psicológicas do apaixonamento romântico na atualidade são diferentes do século 19 e início do século 20 (Freire Costa, 2002). Naquela época, quando era a paixão, restava aos indivíduos o respeito e admiração por terem realizado os elevados ideais de fidelidade, abnegação e dedicação ao outro, implícitos na moral da família. Agora, as pessoas passaram a trocar de parceiros ao se depararem com as possíveis dificuldades encontradas nos relacionamentos, e desse modo, começaram a evitar se envolverem emocionalmente tornando o sexo e o amor desvinculado. Entretanto, diz Jurandir Freire Costa (2002) “viver hoje querendo amar como ontem é criar o descompasso que se traduz na clínica... pela disritmia romântica (p.10)...” Paira a dúvida se o sonho romântico volta se repetir.

Queremos ser romanticamente dramáticos, em um mundo avesso drama; queremos ser moralmente aprovados por correr os riscos da paixão, em um mundo no qual a dor se tornou um mero índice de impotência ou neurose; queremos o tremor da vertigem afetiva, mas com a salvaguarda dos psicofármacos contras aprovações dos tempos de escassez; por fim, queremos amar com os sentimentos passados e gozar com os corpos do presente (Costa, 2002, p.12).

O AMOR E A FIDELIDADE PARA A PSICANÁLISE

Não obstante a cultura e a moral possam definir aspectos do comportamento humano, o pulsional nunca é totalmente dominado pelo social, lembra Moscona (2007). Por conseguinte, para a Psicanálise a verdade está sempre se transformando e o que interessa é o trânsito que o sujeito faz com as verdades.

Fundamentalmente, Freud (1910/1996) abordou o tema da infidelidade adulta sob a perspectiva dos conflitos edípicos infantis e suas repercussões nas escolhas objetais na vida amorosa posterior. Autores contemporâneos, porém, abordam a questão de forma mais complexa, como por exemplo, Mitchell (2000), que compreende a infidelidade crônica associando-a com questões pré-edípicas vividas nas primeiras relações mãe-bebê, na qual o indivíduo não internalizou um objeto materno suficientemente bom, e sim, um objeto

ausente ou indisponível, caracterizando um sintoma, no qual evita-se a intimidade para proteger-se, de viver novamente a experiência assustadora de perda do objeto parental.

Ademais, há outros modos de explicar a existência de casos extraconjugais, como o sentimento de culpa pela gratificação obtida com a realização de um casamento ou mesmo a satisfação inconsciente em trair o parceiro. De acordo com Costa (2007), a infidelidade pode ser um jeito encontrado para evitar que seja instaurado um vínculo fusional com o parceiro, além do temor de ser traído e abandonado. Também, a fidelidade pode ocultar a dificuldade de romper uma relação simbiótica, além de encobrir a incapacidade de autorrealização e o medo de ficar sozinho. Por outro lado, diz o autor, pode ser uma conquista do amor maduro, já que se baseia na reciprocidade afetiva e sexual de duas pessoas criativas, independentes e capazes de trocar investimentos.

Conquanto a infidelidade verse sobre a desonestidade e o segredo do ato (Pittman, 1994), é preciso entender a fidelidade como um acordo entre o casal, no qual há pactos implícitos e explícitos de exclusividade sexual ou não, estando mais vinculado ao projeto de manutenção do relacionamento (Colaiacovo, Foks, Prátula e Cababié, 2007). Em vista disso, a escolha conjugal e o relacionamento amoroso são compreendidos pela Psicanálise, como resultado de um processo maturacional do desenvolvimento emocional, no qual amar com intimidade deriva do senso de integridade e do senso de individualidade (Monteiro e Cardoso, 2008). Trata-se de uma aproximação sem fusão e sem confusão psíquica, com o objeto, relacionada tanto à confiança adquirida como à capacidade de confiar.

Para chegar até o amor maduro, é preciso trilhar um caminho que se estende desde a ternura da infância e seus conflitos edípicos, passando pelas desvalorizações amorosas da latência, pelas paixões e erotização da adolescência até chegar à intimidade do amor adulto (Reghelin & Benetti, 2012). Em *As Contribuições à Psicologia do Amor II*, Freud (1912/1996) refere que a origem escolha amorosa na vida adulta se funda nos primeiros anos de vida na relação materna, sendo um movimento dirigido aos cuidadores e correspondendo à escolha de objeto primário da criança. Mas é no texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* que Freud (1914/1996) descreve o amor ao outro, no qual o indivíduo precisa ultrapassar a libido narcisista e ligá-la a outros objetos. Posteriormente, os textos freudianos focam-se na noção do amor em relação aos objetos do mundo externo com o intento de obter felicidade, de amar e ser amado.

Nesta perspectiva, Winnicott localizou o amor na sua relação com o mundo. Embora não tenha focado seus estudos no relacionamento amoroso conjugal, ao falar da relação mãe bebê ele pontuou que o espaço potencial entre o indivíduo e o mundo depende da experiência que o conduz à confiança, sendo que esta se relaciona à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais (Winnicott, 1975). Um fracasso na fidedignidade ambiental pode fazer com que este espaço seja preenchido pela ausência do uso criativo de objetos ou ainda por elementos persecutórios, já que não houve a internalização de um objeto confiável. A partir disso, há uma instabilidade no psiquismo no qual o sujeito fica procurando controle e previsibilidade nas suas vivências, desgastando o relacionamento.

Neste sentido, uma relação na qual o indivíduo consegue distinguir a realidade compartilhada da sua própria da realidade psíquica, pode-se reconhecer a alteridade e, como consequência, viver a intimidade. Ao reconhecer o outro na sua individualidade, aceitando as diferenças como ingredientes constituintes da criatividade, alimenta-se o curso natural do gesto espontâneo e mantém-se a vivacidade da relação. Por meio da singularidade, os integrantes da relação amorosa são criados e descobertos nessa realidade compartilhada, podendo desfrutar da própria subjetividade, diz Lejarraga (2012).

O que vê o casal, no espaço de um piscar de olhos”? A identidade da aparição e desapareção, a verdade do corpo e do não corpo, a visão da presença que dissolve num esplendor: vivacidade pura, o ritmo do tempo” (Paz, 1994, p.196).

Da magia da intimidade, construída a partir do reconhecimento e da união das diferenças, brota a sensação de sentir-se real e criativo, num movimento rumo à autonomia (Winnicott, 1967/2011).

Sendo assim, para lidar com as infidelidades da vida, é preciso admitir os compromissos que a realidade externa impõe, encontrando disponibilidade para adaptar-se a ela, sem perder de vista quem se é, num constante processo de criação e reinvenção da relação e de si mesmo. Sentir dúvidas, medos, lidar com frustrações e conflitos decorrentes, além de arcar com as responsabilidades pelas realizações e/ou erros cometidos, fazem parte de uma relação humana saudável. Nas palavras de Winnicott: “O principal é que homem e mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas” Winnicott (1967/2011, p.10).

E dessa vida, legítima, do dia-a-dia, esta que os contos de fada ‘esqueceram’ de retratar, eterniza-se o amor, como a vida conjugal de Mark Twain e Olivia. Após 33 anos juntos, a morte a levou, e a ela foi dedicado o livro de Twain, no qual o personagem Adão escrevera no túmulo de Eva: “onde quer que ela estivesse, lá estava o Éden” (Twain, 2014, p.46).

Finalizo com a ideia de Octavio Paz (1994), de que para não fenecer é essencial “... reinventar o amor, reinventar o casal original, os desenterrados do Éden, criadores deste mundo e da história” (p.196). O tempo do amor não impede a chegada da morte, mas oferece a oportunidade de reconciliação com a nossa existência, afinal, no amor voltamos a sua origem, só que não é regresso, mas a conquista de um estado que nos reconcilia com o exílio do Paraíso.

REFERÊNCIAS

- Aratangy, L. R. (2007). *O anel que tu me deste: o casamento no divã*. São Paulo: Artemeios.
- Colaiacovo, D., Foks, S., Prátula, A. I., & Cababié, M. D. (2007). *Intimidad, fantasías, sueños: su relación con la infidelidad en el vínculo de pareja*. Em S. L. Moscona (Org.). *Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos* (pp. 43-46). Buenos Aires: Lugar Editorial.

- Costa, J.F. (2002). Prefácio. Em: Ana Lila Lejarraga (2002). Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- Costa, G. P. (2007). O amor e seus labirintos. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1996). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. (Vol. 11, pp. 167-180). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – 1912 (Contribuições à Psicologia do Amor II). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. (Vol. 11, pp. 181-195). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. (Vol. 21, pp. 67-110). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).
- Gamboa, L. V. (1998). Historia de la sexualidad. Revista Biomedica, 9, 116-121.
- Lejarraga, A. L. (2002). Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- Lejarraga, A.L. (2012). O amor em Winnicott. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- Mitchell, L. (2000). Attachment to the missing object: infidelity and obsessive love. Journal of Applied Psychoanalytic Studies, 2(4), 383-395.
- Montero, R. (1999). Paixões: amores e desamores que mudaram a história. Rio de Janeiro: Pocket Ouro.
- Monteiro, T. F., & Cardoso, L. S. (2008). Casa, do latim, acasalamento: a casa como metáfora para a capacidade de intimidade. Em J. Outeiral & L. Moura & S. M. V. Santos (Orgs.). Adultescer: a dor e o prazer de tornar-se adulto. (pp. 161-176). Rio de Janeiro: Revinter.
- Moscona, S. L. de. (2007). ¡Quiero saber la verdad! ¿Quiero? Em S. L. Moscona (Org.). Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos. (pp. 19-42). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Paz, O. (1994). A dupla chama. São Paulo: Siciliano.
- Pittman, F. (1994). Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Reghelin, M.M. Benetti, S.P.da C. (2012). Uma contribuição psicanalítica sobre as vicissitudes nas relações amorosas – Infidelidade conjugal. Em: Mônica Medeiros Kother Macedo. Blanca Suzana Guevara Werlang. Psicanálise e Universidade. Potencialidades teóricas no cenário da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- Rios, I. C. (2008). O amor nos tempos de Narciso. Interface: comunicação, saúde, educação, 12, 421-426.

Twain, M. (2014). Diários de Adão e Eva. E outras sátiras bíblicas. São Paulo: Hedra.

Winnicott, D.W. (1975). A localização da experiência cultural. Em O Brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D.W. (2011). O conceito de indivíduo saudável. Em Tudo começa em casa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. Palestra proferida em 1967.